DEPOIMENTOS

Reabilitação, uma necessidade vital

JOAQUIM SALGADO

Engenheiro Mecânico (I. S. T.)

O nosso século é caracterizado pelo vertiginoso desenvolvimento da ciência, em consequência do qual a técnica fez uma verdadeira irrupção na nossa vida. Esta evolução baralhou os nossos géneros de vida e de trabalho; modificou a nossa maneira de pensar; transformou a infra-estrutura da nossa sociedade que já não sendo unicamente fundada sobre a propriedade, passou a ser uma sociedade de trabalhadores.

Graças às máquinas e à automação, a produção não cessa de crescer no mundo. Este aumento está na base do elevado nível de vida de muitos países, e do aumento visível do nosso. Mercê desse incremento tornou-se possível a progressão constante das políticas sociais nesses mesmos países, no interesse das respectivas classes trabalhadoras.

Quem não se regozija com uma tal evolução, que se poderia classificar de revolução benéfica?

Mas todas as medalhas têm o seu reverso.

O progresso, a técnica, a máquina reclamam o seu preço.

As doenças da civilização ameaçam-nos: a super-alimentação, nas suas consequências, o alcoolismo, o desequilíbrio mental, o cancro, as afecções cardíacas e vasculares, etc. A máquina volta-se contra o homem; em lugar de continuar a ser sua amiga, tornou-se numa inimiga.

Ela fere, ela mata; na fábrica, na estrada, como na própria casa, dizem-nos as estatísticas que as suas vítimas são cada vez mais numerosas e superiores às de todas as doenças reunidas.

O trabalhador, o inventor, o senhor da máquina, correm o risco de se tornarem seus escravos.

O ritmo acelerado e os gestos monótonos do trabalho em série desorganizam o sistema nervoso e contribuem para o desequilíbrio mental e físico que dia a dia vai constantemente progredindo na nossa velha Europa.

Corpos e almas estão igualmente ameaçados.

Mas o mais humilhante é que a máquina e as formas modernas de produção em cadeia «desumanizam» o trabalho. A relação entre a alegria criadora e a obra executada foi desfeita. A falta de interesse e de satisfação que é sua consequência pode tornar-se em fastio pelo trabalho e, por vezes, chegar mesmo até ao desespero.

*

Felizmente que o homem é um ser pensante, que tem a faculdade de se adaptar e de reagir; não seguimos o aprendiz de feiticeiro, que ficava paralizado na angústia e na inacção perante a técnica desencadeada.

Nós multiplicamos as medidas de protecção contra as influências nocivas do trabalho moderno; inventamos dispositivos técnicos diminuindo os seus riscos; estabelecemos leis e regulamentos com o fim de reduzir o número de acidentes, ou de os tornar menos graves.

Num impulso de sã reacção contra o domínio da técnica, da máquina e duma economia mal com-

preendida, o nosso século tende a redescobrir o *homem* repondo-o no centro das preocupações dos sociólogos, dos técnicos, dos economistas e dos políticos.

Recobrou-se a consciência do facto de que a técnica e a economia não são um fim em si mesmas, mas um meio de realizar o progresso com uma finalidade humana.

*

O nosso século restituirá assim, e cada vez mais, o valor à *dignidade humana*, cujo reinado foi proclamado e sublinhado em muitas ocasiões pelas mais altas autoridades políticas e morais do mundo inteiro.

O trabalho não é uma desonra, como na antiguidade, nem é também uma mercadoria que se possa adquirir por vil preço, como sucedia no século XIX. O trabalho é a contribuição do indivíduo por mais humilde que ele seja, para o progresso e para a felicidade comum, pelo que lhe confere o direito de viver dignamente com a sua família e participar nos benefícios do bem geral.

Se hoje a máquina e o homem formam um par, a técnica e o humanismo formam outro.

É com outra solicitude que a sociedade dos nossos dias se ocupa daqueles que, em consequência de um acidente, duma doença ou duma afecção congénita, são parcial ou totalmente incapacitados para o trabalho e vão vivendo à margem da corrente normal da vida.

Abandonados outrora à sua triste sorte, profundamente feridos na sua dignidade humana, ficavam reduzidos a estender a mão à caridade pública e a contentar-se com o pobre óbulo que um caridoso passante se dignava oferecer-lhes.

Hoje, pela reeducação física e a readaptação profissional, esforçamo-nos por lhes dar a capaci-

dade de ganharem a vida com o seu trabalho pessoal, de os restabelecer no seu estado primitivo, numa palavra de os *reabilitar*.

A reparação do prejuízo físico, profissional e moral que é a meta final da *rehabilitation*, empregando a palavra inglesa, é uma das mais nobres tarefas que temos para desempenhar; é um dos graves problemas da justiça social, para cuja solução nos devemos deixar guiar acima de tudo pelo interesse do doente, do acidentado ou do diminuído.

A reabilitação é uma tarefa difícil, que exige a colaboração dos médicos e dos psicólogos, do patrão e do engenheiro, dos técnicos e das instâncias oficiais. É uma tarefa ingrata, cujo cumprimento esbarra por vezes com o desinteresse e a resistência passiva, até mesmo com a obstrução do próprio doente e que nem sempre encontra o acolhimento necessário junto dos patrões, dos chefes das empresas e das administrações; daí, a necessidade de ganhar a confiança do doente, de esclarecer a opinião pública, de convencer o economista e a comunidade que devem acabar por reconhecer que a reclassificação dos diminuídos não é somente uma boa acção, mas também um bom negócio. Sobre tudo em tempo de penúria de mão-de-obra, a reabilitação dos acidentados e dos diminuídos é mais necessária que nunca; porque nos tempos que atravessamos, encontramos-nos duplamente obrigados a valorizar o potencial humano, a utilizar todos os recursos humanos de que possamos dispôr.

Assim, como resulta da experiência das fábricas Ford, mesmo uma reeducação incompleta pode ser suficiente para a obtenção dum trabalho remunerador organizado segundo os novos métodos e pela aplicação duma aparelhagem moderna. É, no entanto, uma reabilitação integral, ou levada pelo menos ao máximo possível, que constitui o alvo final a atingir ■